

Mercado está menos otimista

Apesar da certa dose de otimismo que o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central tentou passar aos investidores, por meio da ata de sua reunião na semana passada, o mercado financeiro reforçou o discurso de que a taxa básica de juros (Selic) continuará caindo, mas de forma muito lenta. Segundo o economista-chefe do Banco Modal, Alexandre Póvoa, desde a reunião do Copom, quando houve um corte de 0,25 ponto percentual na Selic, o quadro econômico piorou, com as projeções de inflação para este ano subindo, assim como as taxas de juros no mercado futuro e o risco-país.

"O BC tentou tranquilizar os investidores, ao dizer que a inflação foi domada, convergindo para as metas, e que a economia está se reativando. Mas sabemos que não será fácil para o Copom reverter o pessimismo que se instalou no mercado nos últimos dias", assinalou Gustavo Alcântara, gestor de fundos de investimentos do Banco Prosper.

Para ele, o aumento dos juros nos Estados Unidos, as incertezas políticas no país e as pressões que ainda existem na indústria para o repasse de custos às tabelas de preços aos consumidores são pontos que inquietam e indicam que é cada vez menor o grau de liberdade do Copom para promover cortes futuros de juros, a despeito de a atividade produtiva continuar no chão.

Cenário externo

No documento divulgado ontem, o Copom afirmou que o cenário externo permanece bastante favorável. A perspectiva de crescimento das principais economias mundiais estimula o saldo da balança comercial brasileira, que, pelas previsões do mercado, poderá voltar a bater nos US\$ 25 bilhões neste ano. O comitê ressaltou também que o aumento da taxa básica de juros nos EUA já está precificado pelo mercado, causando instabilidade apenas no curto prazo.

Para surpresa dos analistas, o Copom descartou até mesmo o riscos sinalizados pelos núcleos da inflação, que indicam a real movimentação dos preços na economia. Nos meses anteriores, foram justamente os núcleos da inflação que mais pesaram na decisão do Banco Central de manter o conservadorismo na definição dos juros.

"O BC transformou uma má notícia dos núcleos em uma boa nova, o que não nos parece muito defensável, sobretudo quando estamos analisando núcleos de inflação de 0,75% ao mês (ou 9,38% ao ano)", alfinetou Alexandre Póvoa. (VN)